

## MUDAR O MUNDO É POSSÍVEL. QUE LEGAL.

O que me intrigava quando era criança, e segue me intrigando hoje que sou futurista, é: “Porque não mudamos o mundo?”. Creio que a primeira razão é por falta de vontade. Nosso desejo não está nisso. Aliás, em geral ele está seqüestrado por alguma bobagem da mídia ou publicidade de massa. Não temos vontade também porque os futuros que nos são apresentados são geralmente tenebrosos. Então, criar futuros desejáveis é fundamental para que nosso tesão e desejo, pessoal e coletivo, tenham onde se inspirar e canalizar. Basta olhar as imagens do passado do futuro para ver que o que existe hoje foi antes sonhado. Sonhos bons ou ruins são sementes de futuro.

Depois, penso que não mudamos o mundo pois achamos que é impossível. Será? Em 1997 o futurista Buckminster Fuller<sup>1</sup> convocou um grupo de especialistas para ver quanto seria necessário investir ao longo de dez anos para resolver a maior parte dos problemas que afligiam a humanidade. Esse valor equivalia a menos de 1/3 do que na época o mundo gastava em armamentos. A escolha não foi feita, o gasto em armamentos mais que duplicou e os problemas continuam. Aí a gente pensa: Que legal!! Pois isso mostra que é possível sim, desde que nossa educação e cultura nos preparem para escolher bem, e saber as conseqüências de cada escolha. Há recursos, conhecimento e pessoas para fazer tudo o que desejamos.

O que acontece é que nossa cultura, nossas métricas para valor e resultado, enfim nossas lentes, conseguem enxergar apenas o tangível, quantitativo, financeiro. Se a gente usar outras lentes, consegue sair do mundo que as comunicações de massa oferecem e mergulhar em um mundo cheio de coisas maravilhosas sendo feitas. Aí a visão amplia. Ampliamos o olhar, os sentidos e as informações e percebemos que estamos vivendo uma mudança de era, sem precedentes. E que esta mudança acontece numa espécie de ciclo virtuoso da abundância.

Vetor um deste ciclo de abundância: estamos saindo de séculos ou milênios onde tudo se organizava em torno do tangível e material, para uma situação da centralidade do intangível. Esta centralidade fica clara quando observamos, por exemplo, que num produto o valor maior está em seus

---

<sup>1</sup> Veja aqui

[http://www.unesco.org/education/tlsf/mods/theme\\_a/interact/www.worldgame.org/wwwproject/index.shtml](http://www.unesco.org/education/tlsf/mods/theme_a/interact/www.worldgame.org/wwwproject/index.shtml)

intangíveis - como design e pesquisa. O tangível é finito, se consome com o uso, e portanto gera economia e sociedade da escassez. Intangíveis são infinitos, se multiplicam com o uso e geram uma sociedade de abundância. Sendo escasso, o tangível gera modelos de competição, oposição, centralização, exclusão. Já em relação aos intangíveis, quanto mais usados mais crescem, e crescem por multiplicação e não por soma, gerando modelos de colaboração, distribuídos, que saem da lógica da oposição e do perde X ganha.

Mais ainda: tangíveis geram uma economia que se move à base de consumo. Intangíveis podem gerar economia que se desenvolve a partir do cuidar. Cuidar de tudo. Produtos, serviços, processos para o cuidar. O tangível a gente tem. O intangível a gente usufrui ou compartilha, não precisa possuir.

E qual o tesouro que move toda esta abundância? Cultura, conhecimento, criatividade, relações, valores. Coisas que acontecem no tempo, o único recurso efetivamente escasso e não renovável. E aí a gente pensa: que legal!! Podemos mudar o mundo quando reconhecemos o que cada pessoa, projeto ou território tem de único e singular, o seu patrimônio intangível. E quando sabemos como aproveitar o tempo, pois dele vem o maior e mais poderoso recurso do futuro: o chamado “excedente cognitivo”: a convergência de tempo, vontade e conhecimento do coletivo. Deste fabuloso recurso se originaram os movimentos de democracia direta ou a Wikipédia. Vemos um trilhão de horas de TV por ano. Tempo suficiente pra fazer 10.000 wikipédias/ano !! Hoje, mais do que em qualquer momento anterior, é possível convergir tempo, conhecimento e vontade através das novas tecnologias e redes. Como toda ação provoca uma reação oposta, o sistema se defende e cria todo o tipo de atividade que escoar e consome nosso tempo, conhecimento e tesão. Que legal!!! Já imaginou tudo que será possível fazer e solucionar quando percebermos a potência de nosso excedente cognitivo? Que genial será quando desligarmos um pouco o futebol e formos para o jogo da vida, de verdade? Convergindo nossos conhecimentos e vontades para uma causa real? E que não tenha a ver com disputa?

Aí vamos para o segundo ponto do ciclo virtuoso: conhecimento e criatividade sempre existiram. Porque agora eles podem ser centrais? Por que as novas tecnologias os tornam acessíveis, visíveis, e permitem processos para trabalhar com eles. Criam redes, com seu caráter distribuído, inclusivo, flexível.

Mas a rede não é o hardware, os equipamentos. A rede é fluxo. E fluxo só existe se há conexão. E o que precisa para poder conectar? Confiança.

Medo separa, não serve para conectar. Conectados podemos tudo, mas estamos paralisados pelo medo que escorre da mídia de massa. Então...Que legal !! Quando escolhermos não nos deixar encharcar de medo, vamos confiar mais e assim conectar. E o resultado desta confiança e conexão é a percepção que o coletivo tem bom senso e capacidade de auto regulação, não precisa ser controlado - como provam os (muitos) processos colaborativos em rede que já estão acontecendo.

Já imaginou tudo o que dá para fazer quando as novas tecnologias nos revelarem todos os recursos disponíveis? Tudo o que pode ser compartilhado e usufruído em termos de espaços, equipamentos, materiais, tempo, conhecimentos? E quando o exercício da confiança nos permitir conectar tudo isso que está disponível e criar fluxos que resultam em riqueza e qualidade de vida ?

Intangíveis + TICs e rede geram o terceiro vetor de nosso ciclo da abundância: processos colaborativos. Colaboração sempre existiu, claro. Mas apenas entre pequenos grupos. Hoje é possível colaborar em escala. É possível gerar políticas, gestão e economia que ganham escala nacional ou global a partir da integração de vários pequenos e locais. Colaborando tudo é possível. Um tem o que ao outro falta. Temos assim acesso a todos os recursos tangíveis e intangíveis.

Reparem que interessante: nossos três vetores não apenas são infinitos como crescem de forma exponencial, por multiplicação e não por soma. Aqui 5 e 5 não dá 10, mas sim 3.125. E tem mais: um vetor ativa o outro e isso resulta em exponencial sobre exponencial. Por isso vamos tão rápido e dificilmente voltaremos a viver modelos que já vivemos no passado. As mudanças destes tempos não são por ajuste. São por metamorfose. É o fenômeno da emergência: o novo surgindo a partir das interações do velho sistema. Uma vez que saímos do ovo, não dá para voltar pra ele, para a forma antiga.

E o que é preciso pra colaborar em rede? Não basta a conexão. O fluxo depende de afeto. Sim, afeto é até o que faz com que os processos físicos e biológicos aconteçam. Eles dependem também da diversidade. Quando me conecto com algo diferente, isso gera uma diferença de potencial, como quando

o elétron se ioniza e assim gera corrente. O elétron se afetou, transformou-se no contato com o diferente, e assim o fluxo foi gerado. Se fluxo depende de diversidade, colaboração também. Entre iguais temos e precisamos as mesmas coisas, não há o que circular.

Quando me conecto, me afeto e me transformo no contato com o outro, crio o fluxo. Uau, que legal!!! Quanta possibilidade isso oferece pela frente. Estamos fazendo tanta coisa bacana, mesmo em tempos de pouco afeto e relação e muito individualismo e solidão. Já imaginou quantos futuros desejáveis dá para realizar quando pararmos de nos anestésiar e isolar e, ao contrário, nos dedicarmos à entrega e a desenvolver cada um dos sentidos? Quando deixarmos de confundir autonomia com isolamento e, perdendo o medo, pudermos nos dedicar intensamente ao afeto e relação? Ao fluxo?

E aí, quando a gente revela patrimônios intangíveis; conecta e cria fluxos através das TICs; confia e se afeta colaborando, percebe que tudo é mais simples do que imaginava. Percebe que para mudar o mundo não precisa antes provar o que está errado, depois desmontar tudo para só então começar a fazer diferente. É mais simples. É só começar a fazer diferente, direto, como nos ensinam os movimentos colaborativos dos jovens. Fazendo, verificamos que dá certo e vendo que é possível alimentamos nosso tesão - o que mantém rodando nosso ciclo virtuoso

E assim vamos treinando nosso olhar pra enxergar o que de fato tem valor. E o quarto vetor do ciclo da abundância é criar novas métricas para além do financeiro e quantitativo. Ampliamos nossa noção de riqueza, recursos e resultados e percebemos que o que faz diferença está sobretudo nas outras dimensões: no social, cultural e ambiental. Percebemos que tudo de importante e gostoso acontece no tempo, que portanto é precioso e deve ser bem usado. Ampliamos nosso foco do tangível ao intangível; da quantidade à qualidade; do linear e mono ao exponencial e multi.

E aí, você poderia pensar, mas que ingenuidade! Por que essa visão tão feliz? Ingenuidade nada. As tradições dizem há tempo que a idéia antecede a matéria. A nova ciência comprova cada vez mais a existência destas matrizes intangíveis das quais se originam o comportamento e a forma. Probabilidades quânticas, campos de ressonância mórfica, memes, inconsciente coletivo, egrégoras. As matrizes e as probabilidades são muitas, mas quanto mais um comportamento ou forma se repete mais forte fica a matriz que o origina. Maior

o poder e amplitude de ação desta matriz. Quanto mais gente se sintoniza num meme, mais forte ele fica, até o momento em que rompe uma barreira do espaço e tempo e passa a pertencer ao coletivo, como mostram os movimentos recentes. Se estas matrizes ou memes fossem como estações de rádio, em qual vamos sintonizar? Qual probabilidade quântica nossa atenção vai ajudar a materializar? Quais comportamentos nossa crença e memória vão reforçar?

Que legal!! Mudar o mundo é escolher em qual matriz vou sintonizar e assim permitir que ela possa acontecer. A escolha é minha, mas a possibilidade de concretizar é nossa, ela depende do coletivo para ultrapassar o ponto de mutação e emergir. E será que vale a pena dedicar-se a estas escolhas?

Aí chegamos em mais uma coisa linda que este ciclo virtuoso revela. Mesmo se a teoria de Gaia, de que a Terra é um ser, não for reconhecida na ciência, está valendo na poesia. O que a humanidade fez desde o começo é gerar conhecimento e criar formas de se conectar para que ele flua. Hoje estamos “sinapsando” através das TICs e da rede, criando uma camada de informação que circula o planeta em tempo real. Nos seres vivos a última coisa a ser criada é o sistema nervoso. Seríamos nós o sistema nervoso de Gaia, em formação? Caso sim, o que temos que fazer é sinapsar. E isto não pode ser impedido pela cor, partido ou crença do outro. Conectar, afetar-se, criar fluxos. Colaborar. A informação é meio, não fim. Ela serve para ampliar a percepção. Só o que é sentido, faz sentido. Não basta informação, as escolhas dependem de percepção. Vamos sentir, afetar-se e navegar o mundo intangível como antes navegamos o mundo tangível. E se antes ele foi geograficamente integrado, agora poderá integrar-se em propósitos e possibilidades compartilhadas. E sentindo, seremos capazes de escolher e agir melhor. Com o bom senso e cuidado com o bem comum que são parte da natureza humana, apenas não tiveram ainda oportunidade e ferramentas para emergir. E assim tornamos real o mundo desejável. Que não é utopia, mas possibilidade.

Que legal.